

SETTIMIO FERRAZETA: O AGIR DO HOMEM JUSTO

“(...) você é patriota, ama o seu país. Mas não fique só por isso... Envolve-se na política, faça-se eleger e tente mudar a vida da sua gente (...).”

Settimio A. Ferrazzeta, 1994

As lendas rezam que há mais de dois mil anos, no Império Romano quando um grande general, um conquistador ou um imperador vitorioso chegava a Roma, para finalmente desfilar triunfantemente por ruas tomadas pela multidão em idolatria, pejudas de admiradores que o vitoriavam e adulavam, tinha sempre ao seu lado um escravo que caminhava ao seu lado; a função deste era ir repetindo-lhe palavras que quase só ele podia ouvir por debaixo da vozzeria da turba. Palavras, essas, que esse escravo, caminhando ao lado dos seus cavalos, ia repetindo como uma oração, e que serviam para lembrar-lhe de algo mais precioso que todas as vitórias que teve e todo ouro do mundo que possuísse. As palavras do escravo eram simples: “memento mori”! Na nossa língua significam: “lembra-te que vais morrer!”.

Essa fatídica advertência, lembrança de um facto impostergável, fazia com que o mais poderoso dos homens ter a noção da sua insignificância, da sua passageira presença neste mundo, em suma da sua inevitável mortalidade. E isso era feito para incutir alguma humildade e bom senso na cabeça e no coração do herói. Mas o mais admirável nesta história é que era o próprio grande dignatário que encarregava o escravo de o ir lembrando, a cada instante dessa gloriosa caminhada, da sua insignificância, da humana mortalidade para que possa agir sempre em conformidade e nunca de maneira soberba.

Os Romanos sabiam que o homem não está livre de arrogância, erros e de praticar injustiças quando está no poder, mas essa permanente lembrança, mesmo que simbólica, poderia porventura refrear as suas piores inclinações. Na verdade os Romanos nos deixaram tanto que não podemos deixar de maravilhar-nos com a sua sabedoria, mesmo as que hoje, milhares de anos depois, nos parecem simplistas. Sendo um povo extremamente culto e sofisticado, mesmo para os parâmetros actuais, sabiam que se este aviso podia conter um Augusto, não serviria, seguramente, para um Nero ou Calígula. Assim são os homens, mas essa prática, essa *suis generis* advertência, que os cidadãos conheciam, servia-lhes também como um leitmotif para ordenar as suas vidas de simples cidadãos. Significava que cada cidadão deve viver as suas vidas sob o signo deste tão simples como profundo preceito. Se cada dia recordarmos, por um momento que vamos morrer, as nossas vidas seriam vividas mais em consonância com os preceitos de Deus ou de maneira mais altruísta pelo menos. Além de que se um Imperador compreendesse a magnitude dessa verdade seguramente os seus súbditos viveriam melhor.

Mas a questão é muito maior do apenas da inevitabilidade da morte ou da insignificância de cada um de nós perante o fatalismo da morte, mas da necessidade e dever de realizar algo de bom neste mundo onde nos foi permitido nascer e viver ao lado de seres tão ou mais maravilhosos que nós. Tem essencialmente com acreditar que aceitar a inevitabilidade da morte não implica uma espera mas uma realização. Não uma paciente espera pelo Reino de Deus, que há-de vir, mas a sua paulatina realização na Terra, com acções nobres. Mesmo que seja apenas o de secar as lagrimas de uma criança. Construir um simulacro do original, que seja, mas um reino mais lindo do que aquele que encontramos quando aqui chegamos.

É o que se espera de quem “foi criado a imagem e semelhança” do seu Criador.

Isso fez Dom Settimio Ferrazzeta levando a educação e saúde aos confins desta terra; fazendo escolas e hospitais onde se educa e se salvavam vidas e não apenas almas. Isso que fez Amílcar Cabral ao se levantar contra o poder colonial, que vilipendiava este povo, tentando nos dar dar um futuro melhor e uma vida com dignidade. É destas realizações, que não se realizaram, que venho falar-vos hoje, falando de Dom Settimio Arturo Ferrazzeta, porventura o maior vulto da nossa história recente. Isto se a moral, a ética e a ideia de Deus têm ainda algum valor nesta destruída sociedade.

No fim, saberei se alcancei os meus intentos, mas por agora devo ainda dizer que sou levado a escrever este texto por que entendo que

é de nossa responsabilidade - mais do que da própria Igreja Católica -, nós Guineenses escrever sobre Dom Settimio, incorpora-lo na nossa História, como um valor acrescido. E um dia fazer-lhe uma praça, um monumento, por tudo que protagonizou, realizou e influenciou com o seu exemplo de vida e com as suas palavras. Uma estátua não por ele, que aqui não esta para saber, mas por nós próprios, pois se ele por nós laborou, para nos dar um pouco de dignidade que os seres humanos têm direito, alguma coisa valemos (ou valíamos pelo menos). Um monumento a nos mesmos, ao nosso povo, em honra da nossa conspurcada dignidade, pois quem não se respeita não merece ser respeitado. Uma estátua a todas as realizações irrealizadas.

Neste entendimento, procurando palavras certas para escrever uma homenagem a alguém que de certa maneira é um herói do nosso povo, este antigo relato sobre costumes dos antigos veio-me parar aos pensamentos. Nesta árdua tarefa de glorificar alguém que personifica a realização do bem nesta nossa terra, encontro-me perante alguém de quem não posso falar sem falar de nós, homens que viveram esta fatídica época que ele também atravessou. Por isso nesta homenagem falo da nossa existência espiritual e profana, da nossa existência num mundo como este nosso, de Guineenses, procurando um caminho na babel da sua vida colectiva. Procurando se não uma redenção pelo menos uma desculpa - qualquer que seja, pois preciso de uma para continuar a viver - para este inexplicável caos em que vivemos, como dementes, anos a fio. Quarenta anos a fio não é pouco na História, pior ainda quando foram anos sem significado, de tempo perdido destinos irrealizados, vidas inacabadas. Destes quarenta fatídicos, quinze já se passaram sobre o Settimio Ferrazzeta, e sobre nós, os contemporâneos do seu magistério.

Quinze anos é muito tempo para um ser humano, e muito mais quando foi um tempo triste, ensaburrado, remendado como esta manta de retalhos que é este país e este povo. E hoje de novo, sem saudades, sem respeito pelos que partiram lutando para a nossa dignificação, sem moralidade, estamos de novo prontos para novas asneiras colectivas que farão próximos quinze anos iguais aos que já passaram. Por isso tenho pena de dizer que este texto não é para este tempo que é o tempo de ninguém. Tempo de conversas vãs, de palavras que nada significam, de promessas ocas, de discursos fátuos. Tempo de perda de tempo, dentro de um tempo já perdido, que nos levará a tempo nenhum; nem de volta ao passado, nem ao presente, e muito menos a um futuro que seja um começo de esperança. Estes são tempos de desesperança. Tempos que não são de semear nem de colher. Tempos difíceis, de mais um Golpe de Estado que nada resolveu, de mais uma governação para esquecer. Tempo de mais uma eleição que nada resolverá, de mais um Governo - que como os anteriores - apenas desgovernará. Tempos difíceis. Tempo iguais a aqueles que Dom Settimio Ferrazzeta vivenciou nos últimos dias da sua existência terrena.

É quase consensual, entre nós e fora do nosso país ainda mais, que somos um povo sem padrões morais, sem homens de Estado, que pelo seu exemplo de vida, tenham feito diferença pelo

exemplo de como geriram a coisa pública. Que desde a morte de Amílcar não apareceu um homem de Estado digno desse nome que em alguma parte do mundo fosse citado como exemplo a seguir. Por isso os jovens de ontem e hoje não têm exemplos que possam seguir, nem a força moral para serem homens de bem ou pelo menos sonharem em sê-lo. Ao fim de contas numa tal sociedade não vale a pena ser pessoa de bem. E aliás homens de bem são menosprezados. Esqueceram da canção que diz “Não conquistaste o mundo e perca a tua alma/A sabedoria é melhor que ouro e prata...” Afinal os jovens já não escutam Bob Marley nem gente como ele. E por força disso que o nosso país está cada vez mais pobre e atrasado em todas as áreas, e povo cada vez mais miserável, socialmente, culturalmente, intelectualmente, tornando-se pelo contrário cada vez mais materialista e indiferente para com os destinos da pátria.

É neste contexto, neste deserto de almas, nesta desesperança nacional, que surge a figura impar de Dom Settimio Ferrazzeta, como uma ilha, um rochedo de granito rodeado de um oceano tempestuoso de descrença. É dessa visão já hoje quase mítica que digo que temos referências morais, sim, e não insignificantes. Figura poderosa pela retidão, ponderosa pelo seu sentido de justiça e inabalável fé em Deus e nos homens, mostrou-nos que apesar de tudo é possível fazer algo de bom e grandioso nesta terra. Construtor, arquitecto, topografo, médico, negociador forte, pacifista convicto, educador e missionário, tudo foi e tudo tentou para poder realizar um sacerdócio activo, para poder ser um servo completo de Deus. Tornou-se naquele que realiza a obra de Deus e não apenas o que mostra o caminho. Que veio não apenas para salvar as nossas almas mas cuidar dos nossos corpos e mentes. Quase sessenta anos depois de ter chegado e quinze anos depois de ter partido para sempre, é tempo de inclinarmos profundamente perante Dom Settimio Arturo Ferrazzeta.

Fernando J. P. Teixeira